

# Primeiro os políticos, técnicos depois

Os tecnocratas têm ainda participação ativa no governo da Nova República, sobretudo na área econômica e financeira. A começar pela assessoria do presidente, onde se destaca Luiz Paulo Rosemberg, como legítimo representante da categoria. Rosemberg, ex-integrante da equipe do ex-ministro Delfim Netto, funcionou como uma espécie de professor de economia de Sarney, que atualmente não dispensa as suas opiniões sobre a matéria. Contudo, os tecnocratas já não controlam como antes a administração federal e a adoção de suas posições está condicionada a uma triagem política da sua conveniência. Os políticos voltaram a ocupar lugar de destaque no governo e o presidente Sarney sempre consulta as principais lideranças da Aliança Democrática antes de tomar uma decisão mais importante.

O presidente da Câmara e do PMDB, Ulysses Guimarães, é um dos políticos mais ouvidos por Sarney, a ponto de suas mulheres terem se tornado muito amigas. No início, o deputado paulista procurava o presidente apenas para discutir e defender

as reivindicações do seu partido em relação ao preenchimento dos cargos dos primeiro e segundo escalões da administração. Vencida essa etapa, o relacionamento entre os dois mudou e tornou-se mais estreito, transformando-se Ulysses num dos parlamentares mais considerados por Sarney.

O presidente do PFL, Jorge Bornhausen, também é ouvido pelo chefe do governo com grande frequência, desfrutando sua estima pessoal. Sarney costuma ainda trocar idéias com os senadores Itamar Franco e Luiz Viana Filho, além dos governadores José Aparecido e Luiz Rocha. Entre os governadores, Sarney ouve com atenção Fanco Montoro, José Richa e Hélio Garcia, recentemente agastado com ele por causa da demissão de Francisco Dornelles. Os deputados Jaime Santana e João Alberto são velhos confidentes dos tempos do Maranhão, e Aluísio Alves é, entre os ministros, dos mais íntimos do presidente, transitando com igual desenvoltura pelo seu gabinete de trabalho no Planalto e sala de visitas do Alvorada. Marco Maciel é, no entanto, o que goza de maior pres-

tígio no governo, e Sarney o considera excelente formulador político e empreendedor na sua pasta, a qual favorece com recursos e atuações. Sarney mantém ainda contatos frequentes com os ministros Afonso Camargo, que foi seu vizinho de edifício, Aureliano Chaves e Antonio Carlos Magalhães.

O chanceler Olavo Setúbal vem crescendo na admiração de Sarney, sobretudo depois do êxito de sua viagem ao Uruguai e de ter conduzido negociações que levaram o presidente Reagan a vetar medidas protecionistas contra os calçados brasileiros. Outros, no entanto, fizeram percurso inverso na estima presidencial, sendo conhecido o distanciamento com que Sarney mantém os ministros Fernando Lyra e Nelson Ribeiro. Lyra entrou em rota de colisão com Sarney devido às suas posições favoráveis à Comissão Constitucional, idealizada por Tancredo Neves para ser a marca do seu governo e jamais absorvida inteiramente pelo seu sucessor. Nelson Ribeiro lançou desastrosamente a proposta de reforma agrária, inclusive divulgando seu texto no congresso da Conclat sem conhecimento prévio de Sarney.

## Fora do palácio também se decide

Nos últimos dias, dois grandes amigos particulares de Sarney foram colocados em cargos importantes: o empresário Dilson Funaro, no Ministério da Fazenda, e o jurista Carlos Madeira, como ministro do Supremo Tribunal Federal. O primeiro foi apresentado a Sarney por um de seus amigos mais íntimos e influentes, o ex-governador paulista Abreu Sodré, companheiro de fins de semana na fazenda São José de Pericumã há vários anos. O segundo, velho e tradicional amigo do Maranhão cuidou da assessoria jurídica do seu governo e promoveu a adaptação da Constituição estadual à Carta de 67.

Esses amigos influenciam o presidente fora das ligações palacianas, embora a elas Funaro esteja agora sujeito. Mathias Machline, presidente da Sharp, é amigo também de 15 anos e, juntamente com Funaro, costumava gastar horas conversando com o então senador nas noites de Brasília, mas sempre se comportando com discrição. O advogado Saulo Ramos, com quem Sarney chegou a trabalhar em São Paulo quando o Congresso foi fechado pelos militares, mantém também laços de amizade fraterna com o presidente, que o

consulta sobre questões jurídicas. O grupo, para assessores palacianos, compõe a chamada conexão paulista, aberta por Sodré ao jovem político do Maranhão. Entre os empresários, outra grande ligação do presidente é o construtor Murilo Mendes.

Há políticos que ficam fora do círculo palaciano mas desfrutam intimidade presidencial, como os senadores Alexandre Costa, que apoiou Maluf mas manteve sempre ligações efetivas com Sarney; Luiz Vianna Filho e Lourival Batista, além, dos deputados Jaime Santana, Magalhães Pinto e Aníbal Teixeira, que renunciou a um mandato de 90 mil votos para assumir a Secretaria de Ação Comunitária do governo. O suplente de Sarney, Luís Carlos Bello Parga, é velho confidente.

O presidente tem as suas principais amizades entre empresários, políticos e intelectuais. No jornalismo, destacam-se Carlos Castelo Branco e o editor Walter Fontoura, confidentes e conselheiros sigilosos do Palácio, e o editor Álvaro Pacheco. Marcos Villaga, companheiro de Academia Brasileira de Letras, deixou recentemente o cargo de assessor palaciano para dirigir a LBA e, para al-

guns observadores, Sarney o promoveu para afastá-lo do Planalto, onde se colocava em muita evidência.

O ex-deputado Edison Vidigal, amigo de 23 anos, foi secretário de Imprensa de Sarney no governo do Maranhão e hoje é um dos seus assessores especiais. O escritor Jorge Amado, o poeta Ferreira Gullar e o acadêmico Josué Montello, este com mais intimidade, são relacionamentos íntimos e considerados em suas opiniões pelo presidente.

O embaixador Carlos Alberto Leite Barbosa, trazido da Colômbia para presidir o IBC, contra a vontade do ministro Roberto Gusmão, que tinha o seu próprio candidato ao cargo, é ligado a Sarney há 30 anos e, quando chegou, foi logo afirmando, diante da polêmica sobre a desativação do Instituto: "Meu amigo Sarney não ia me trazer de volta para fechar o IBC". Além disso, Sarney colocou em cargos diversos do segundo escalão alguns velhos amigos, como José Reinaldo Tavares, na Sudene, e Joaquim Itaparai, na secretaria geral do Ministério da Cultura, cada um com um grau determinado de ascendência, pelo relacionamento informal que mantém com o chefe do governo.



No círculo de amigos do presidente está Funaro, o mais recente dos ministros

## Murad, o genro do "Zé"

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

No restrito círculo de confidentes do presidente José Sarney, menos de cinco pessoas o tratam por Zé. Um deles, Jorge Murad, seu genro e secretário particular, é, aos 31 anos, um dos mais influentes assessores presidenciais. Depois de Roseana Sarney, sua mulher, é ele quem no Palácio do Planalto tem acesso mais fácil ao presidente. Há mesmo quem equipare o peso da influência da filha e do genro junto a Sarney. Ela, nas decisões políticas; ele — a quem Sarney trata por Jorginho —, nas questões de economia. Não foi coincidência, portanto, o fato de ele ter sido a única companhia do presidente, no sítio São José do Pericumã, no sábado que antecedeu a saída de Francisco Dornelles do Ministério da Fazenda.

No dia-a-dia do Palácio do Planalto, o administrador de empresas Jorge Murad é tido como um assessor discreto e contido. Poucos são os que, fora do Ministério Sarney e da assessoria palaciana, conseguem

ser recebidos em seu gabinete no 3º andar do Planalto. Suas três secretarias atendem, em média, 50 telefonemas por dia, dos mais variados interlocutores, desde eleitores do Maranhão a ministros e presidentes de estatais. Nove salas constituem a secretaria particular, com passagem direta para o gabinete de Sarney.

Ali são amadurecidas inúmeras decisões econômicas, antes de chegarem ao gabinete presidencial. Na última semana, por exemplo, os ministros Dilson Funaro, da Fazenda, João Sayad, do Planejamento, e o assessor especial para assuntos econômicos, Luís Paulo Rosenberg, escolheram a secretaria particular para análise das últimas medidas econômicas. E não foi sem constrangimento, segundo fontes da Petrobrás, que o presidente da estatal, Hélio Beltrão, tentou inutilmente convencer o genro do presidente a apoiar um reajuste de 10% para o preço da gasolina.

Pouco se sabe sobre os estudos de economia de Murad, além do fato de ser graduado em administração

de empresas. É mesmo impossível obter seu currículo no Palácio do Planalto, já que ele não o entregou a seus auxiliares. Seu interesse por economia surgiu mais com a prática do que por títulos. Primeiro, como diretor da Caixa Econômica Federal. E, mais recentemente, movido pela necessidade de estar bem informado como secretário particular do presidente. Atualmente, Murad se confessa "fascinado" por especialistas em economia fora da escola americana, como Van Hayeck e Ota Sik. Pouco afeito à política, que interessa particularmente a Roseana Sarney, suas incursões nessa área têm objetivos específicos: contribuir para que Sarney ocupe todos os espaços do governo, nomeando seus próprios ministros, no lugar dos que foram escolhidos por Tancredo Neves. Mas é discreto o suficiente para não expor suas idéias abertamente, defendendo-as apenas diante de um círculo fechado de amigos.

No âmbito familiar, seu prestígio com a família Sarney é igualmente alto, a ponto de dona Marly se referir a ele como "o genro que toda sogra gostaria de ter".